MIRADA
VOL.1 N.2
2020

LAUDELINAS

EXPEDIENTE

LAUDELINAS

VOLUME 1. NÚMERO 2.2020
ISSN 2675-6803
SELO EDITORIAL MIRADA
RECIFE - PERNAMBUCO

CRIANÇAS NÃO
SÃO MÃES

APRESENTAÇÃO

O oito de março ficou conhecido, internacionalmente, como o dia da mulher e, em alusão a data, foi lançada a primeira edição de Laudelinas: publicação batizada em homenagem à Laudelina de Campos Melo, mulher negra, filha de escravos e criadora do primeiro sindicado de domésticas do Brasil, em 1936. Porém, a primeira edição não tratava de flores e homenagens como muitos dos cartazes da época - não - a publicação foi ao mesmo tempo denúncia e provocação ao abordar o feminicídio, questões de gênero e classe, sob o olhar atento de mulheres cis e trans, indígenas, negras e brancas, de todo o Brasil. Mulheres que se valeram da arte em sua diversidade para expressar a indignação, o medo, a força e a potência que é ser mulher no país que está entre os cinco que mais matam mulheres (cis & trans) no mundo.

Assim, Laudelinas retorna como revista como forma de reunir as vozes das mulheres Brasil afora, retorna como forma de nos reafirmarmos como protagonistas de nossas próprias histórias e para ressignificar o que entendemos por revista feminina: uma revista feita por mulheres para todxs que quiserem ouvi-las. Para esta edição buscamos falar sobre questões que transpassam e perpassam a vivência das mulheres sem, entretanto, focar em um específico.

Rebeca Gadelha

ÍNDICE

Enegrescência: Literatura e Intelectualidade de Mulheres Negras

Lidiane Ferreira

Se ser mulher, como disse Sojourner Truth (1851), é ser aquela pessoa que necessita de ajuda para realizar atividades simples e que merece o melhor lugar onde quer que esteja, quer dizer que não sou uma mulher? Não sou mulher por não me encaixar no modelo "bela, recatada e do lar"? Não sou mulher por terem negado a mim o direito ao choro ou ao amor? Esse modelo feminino, mesmo que subalternizante, nunca me contemplou como mulher negra, pois "Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente." (TRUTH, 1851), por outro lado, necessitamos, como fala Truth, de oportunidades. Precisamos garantir a nossa humanidade. Não dá para ficarmos gritando para ouvidos inaudíveis, são imprescindíveis estratégias, inclusive no âmbito da literatura, e este texto fala sobre isso.

Ao longo da caminhada que me trouxe até aqui, escrevendo este texto, eu, não diferente das demais mulheres pretas, carreguei comigo as dores do sexismo, do machismo e do racismo. Carreguei e carrego também as dores da classe, pois nasci na periferia de Salvador/BA. Depois de tanto apanhar, aprendi a me defender e um quilombo nasceu no negrume do meu corpo.

Para muitos, é vitimismo compartilhar nossas dores ou questionar por melhores condições de vida, e é desnecessário marcar a diversidade literária do povo negro, como nomear Literatura Negra. Mas, então, eu pergunto: quantas de nós, mulheres negras, estão entre os cânones literários? Quantas? Há um silenciamento sistemático de vozes negras no Brasil. E um dos principais problemas que autoras e autores negros enfrentam é a dificuldade histórica de publicação e circulação dos seus textos, que passam a ocorrer através de muito esforço, em um trabalho conjunto realizado por militantes dos Movimentos Negros. Para Cuti, "A produção literária de negros e brancos, abordando as questões atinentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta" (CUTI, 2010, p. 33), e é a partir dessa especificidade, restrita a um grupo social, mas, ainda assim, coletiva e diversa, que a literatura negra nasce na diáspora africana e se sustenta, através de muita luta, até os dias atuais, demonstrando ser um espaço de enunciação e produção de (est)éticas negras.

O Enegrescência surge, em 2014, a partir dessa necessidade de conhecer e divulgar autoras e autores negros brasileiros e africanos. Atualmente, somos um trio de amigos-escritores: Gonesa Gonçalves, David Alves e Lidiane Ferreira, tendo como objetivo enunciar as culturas negras mediante um diálogo entre a educação e as artes. Para nós, do coletivo, entendemos o neologismo Enegrescência, criado pelo poeta David Alves, como

> (...) uma ação crescente e contínua do enegrecimento dos espaços de poder, de forma que valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, como a circularidade e a ancestralidade, por exemplo, pudessem se tornar elementos ainda mais constitutivos e propulsores de mudança na sociedade brasileira. Assim, o Projeto Enegrescência seria a tentativa de propor um novo plano de sociedade, na qual haveria a valorização dos saberes e vivências africanas e afro-brasileiras, não excluindo-se, entretanto, os saberes de origem europeia, mas apresentando-os sem hierarquias, evidenciando também os seus inevitáveis conflitos. Apesar de o termo Enegrescência possibilitar uma remissão a um essencialismo negro, aqui ele está relacionado a correntes que apontam para outras linhas de fuga ligadas à visão dinâmica das sociedades africanas e negro-brasileiras no confronto à a-historicidade e ao discurso hegemônico estereotípico em relação a essas culturas. (ALVES; CUNHA; FERREIRA; GONÇALVES, 2016, p. 9-10)

E esse árduo caminhar epistemológico preto invade, quando necessário, sem pedir licença, espaços de poder e de vulnerabilidade, por entendermos que os saberes devem ser passados a todos de forma crítica e equânime. Por isso, valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, como a circularidade, a memória e a ancestralidade são bases fundamentais para a existência e permanência do projeto. Tais valores interseccionam-se com as relações de gênero, pois se conectam às nossas lembranças, assim como às historicidades das mulheres pretas que vieram antes de nós e que possibilitaram que vivêssemos num local menos sofrido, frente ao que elas viveram.

Nós, mulheres negras, dentro desta sociedade capitalista, carregamos, contra a nossa vontade, os estereótipos herdados do período escravocrata e, desde a infância, somos condicionadas a exercermos atividades subalternas. Além disso, o Sistema Capitalista Colonial brasileiro contribuiu e atualiza suas estruturas coloniais para reprodução da nossa atual vulnerabilidade socioeconômica, mas que, no senso comum, por vezes é vista como uma “falta de dedicação”, e não como uma das facetas do racismo.

O sofrimento vivido por muitas de nós, nos mais variados espaços sociais e literários, se dá debaixo de uma falsa igualdade racial, que diz acolher a diversidade de brasileiras e brasileiros, mas que limita a produção, publicação e veiculação dos seus escritos, assim como restringe o nosso trânsito em outros espaços. Suas produções são avaliadas sob o peso do sexismo, do machismo, e do racismo. Além disso, um texto, para fazer parte do

cânone literário, precisa ser aclamado pela crítica, em sua maioria branca, sexista, heterossexual, classista e cristã, a qual busca textos que possuam uma estética semelhante às dos seus pares, selando, quase sempre, o pacto narcísico da branquitude, de que fala a psicóloga Maria Aparecida Silva Bento (2014), uma espécie de acordo tácito entre os brancos para não se confrontarem com os seus privilégios sociais e considerarem as relações raciais como um problema apenas dos negros, sendo o branco o "invisível", o "normal", portanto, superior. A pretensa superioridade branca "cairia por terra" se os brancos considerassem relevantes, por exemplo, as vastas produções literárias e intelectuais de pessoas negras, e essa rejeição ao pensamento negro é feita, importante frisar, nem sempre de forma consciente, mas muitas vezes inconsciente, pois as relações psíquicas da branquitude foram construídas no bojo do colonialismo e desse pacto narcísico.

Apesar disso, nós, mulheres pretas, continuamos escrevendo, publicando e comercializando, nos adequando às nossas possibilidades e rasurando, por meio dessas vozes, as semânticas racistas existentes. A escritora Miriam Alves afirma que

> Nas várias abordagens teóricas, depoimentos, textos poéticos e ficcionais, a escrita da mulher passa a violar este silenciamento. No cenário literário da contemporaneidade brasileira, com repercussões internacionais, no plano ficcional, surge uma voz ativa por meio da qual sobressai, quase sempre, o sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários relegados às mulheres. É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se. Esta literatura é algumas vezes chamada de intimista, talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da "não fala", profanando o confinamento do silêncio. (ALVES, 2010, p. 03)

Ao longo desses anos, o projeto deu bons frutos, como o livro Enegrescência – coletânea poética, publicado em 2016 e composto por 19 autores de todo o território brasileiro, sendo nove mulheres. Mais recentemente, em julho de 2019, ocorreram os Diálogos Enegrescentes: Os Múltiplos Caminhos da Literatura Negra, evento formativo em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha e ao chamado Julho das Pretas (mês de homenagem às mulheres negras, idealizado pelo Instituto Odara). Nos Diálogos Enegrescentes, foram realizadas sete rodas de conversa, todas compostas apenas por mulheres negras, as quais falaram sobre literatura negra feminina e produção intelectual de mulheres negras. Devido à relevância das discussões realizadas e, também, pela necessidade de trazermos para o centro as subjetividades femininas negras, há um livro no prelo, resultante daquela formação. Ainda refletindo sobre o deslocamento dos discursos femininos para o centro, o poema (Re) Desenhar, de Miriam Alves (2010), propõe uma desconstrução da

imagem estereotipada da mulher negra e a reconstrução de novas significações para este ser, que ao longo dos séculos, foi fortemente marginalizado pela sociedade ocidental e racista. Contudo, a autora desmancha os limites impostos por esta sociedade patriarcal e colonial através da sua inserção em espaços "aonde não entrava":

(Re) Desenhar

Entre os traços
que faço
refaço
introduzo
re-introduzo
nos espaços
vou à frente
aonde não entrava

As escondidas
redefini traços
aspirando partículas voláteis
modelei formas

Faço
refaço laços
nas fitas de minhas
cores muitas
(ALVES, 2013, p. 11)

Como afirmado por Miriam Alves, a escrita literária de mulheres negras serve como reescrita potente das suas vivências. Pensando na fala como um instrumento de poder, Lívia Natália dedica o poema Alvorada negra (2015, p. 76-77) às escritoras de literatura negra. O poema evidencia a liberdade do corpo e da mente dessas mulheres ao afirmar que "Não há portas que calem" (ibidem, p. 76) estes voos no mundo das palavras. Não há nada que tire a grandeza das mulheres negras em serem pássaros: aqueles que voam através das palavras, contando histórias verdadeiras sobre o seu povo, cortando o silêncio dos brancos "com sua faca macia" (ibidem, p. 77). Nós, mulheres negras, estamos tendo, por meio da nossa escrita literária, a possibilidade de construirmos nossas identidades e a paixão por nós mesmas. Nesse sentido, a poesia

> [...] pode se apresentar como um lugar de criação, de manutenção e de difusão de memória identitária. Pode se tornar, ainda, um lugar de transgressão ao discurso oficial, quando apresenta fatos e interpretações novas a uma história que aparece marcada somente pela autoria do colonizador. E ser, também, uma arte esteticamente transgressora, ao se destoar dos modelos de um fazer poético consagrado pelo colonizador. (VIEIRA, p. 09)

Por tudo o que foi explanado até o momento, o Enegrescência pensa a literatura a partir de uma estética transgressora, que trabalhe a divulgação e crítica de textos de autoras e autores negros, uma vez que a reprodução cultural do sexismo, machismo e racismo contribui para uma exclusão e silenciamento sistemáticos desses trabalhos. Além disso, o nosso trabalho literário é carregado de afetividade, pois torna-se necessário o trabalho afetivo, algo historicamente negado ao nosso povo. Assim, retornando ao poema Alvorada Negra (2015, p. 76-

77), quando Lívia Natália o dedica às "asas-irmãs", podemos pensá-lo em relações afetivas ocorridas entre mulheres negras, e por mais que a existência na diáspora negra ainda seja conflituosa, somente com a construção de uma irmandade negra há possibilidades de reexistências.

REFERÊNCIAS

ALVES, David; CUNHA, Fábio; FERREIRA, Lidiane; GONÇALVES, Gonesa. Poesias Enegrescentes. In: ____ (orgs.) **Enegrescência – coletânea poética**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2016.

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil - Pensando a existência. **Revista da ABPN**. v. 1, n. 3, nov. 2010 – fev. 2011, p. 181-189.

____. **Feminiz-Ação** . São Paulo: Orobo Criações, 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (orgs.). **Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6 ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

NATÁLIA, Lívia. Alvorada Negra. In: **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

TRUTH, Sojourner. **E não sou uma mulher?** Disponível em: https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/. Acesso em: 27 jul. 2020.

VIEIRA, Ana Gabriela Lima. **A representação feminina em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo.** Disponível em: https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Ana-Gabriela-Lima-Vieira.pdf, Acesso em: 27 jul. 2020.



(Da esquerda para direita: David, Gonesa e Lidiane)

Gonesa Gonçalves: Pesquisadora no Grupo Rasuras/UFBA, membro do Enegrescência, autora do livro de poemas Cata-Ventos, publicado pela Editora Segundo Selo em 2020. Publicou poemas e contos em revistas e coletâneas, a exemplo da coletânea poética Enegrescência, da qual também foi uma das organizadoras, e da revista Organismo nº 5. É Graduada em Letras Vernáculas (UFBA).

Lidiane Ferreira: é escritora e membro do Enegrescência. Em 2016, foi uma das organizadoras e poetas da antologia Enegrescência - coletânea poética, publicada pela Editora Ogum's Toques. Em 2017, 2018 e 2019, participou, alternadamente, com contos e poemas, dos volumes 40, 41 e 42 dos Cadernos Negros, publicados pelo Quilombhoje Literatura. Ainda, em 2018, teve um poema publicado na antologia Um girassol nos teus cabelos - poemas para Marielle Franco, lançado pela Quintal Edições. Em 2019, participou da revista Organismo nº 5, com publicação de três poemas. Há um livro de poemas no prelo para publicação neste ano. É Graduada em Letras Vernáculas e Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos, ambas formações pela UFBA. Apesar de a sua escrita ter surgido do silêncio provocado pelo racismo, hoje a considera um fator de resistência, empoderamento e libertação.

David Alves: tem 33 anos, é poeta e professor de língua portuguesa. Membro do Enegrescência, foi um dos organizadores e poetas da antologia Enegrescência - coletânea poética, publicada pela Editora Ogum's Toques em 2016. Tem quatro poemas nos Cadernos Negros Volume 41, publicado pelo Quilombhoje Literatura (2018), e um poema na coletânea Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana, publicado pela Editora Galinha Pulando (2018). Além disso, tem um poema publicado no e-book Manifesto Balbúrdia Poética: 80 tiros, produzido pela plataforma Mirada e CJA Edições. É Graduado em Letras Vernáculas (UFBA), Especialista em Estudos Étnicos e Raciais (IFBA) e Mestrando em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Sua poesia versa pelas múltiplas faces do ser negro.



A FILHA DO RIO

Wanda Monteiro

Meu começo assim de memória, tenho quando criança pequena, segurando a mão do pai, caminhando sobre o trapiche. Vendo a água correr debaixo da madeira velha e cinza. Lembro do pai olhando pro rio e lembro do rio olhando pra nós. Lembro da linha d`água costurando o fio do horizonte. Lembro da voz do rio e lembro da voz do pai: Filha! Segura na mão do pai senão tu podes cair no rio. Mas tudo que eu queria era cair no rio.

Depois veio a chuva na memória de tenra idade
lá onde habita a música _ a chuva no frêmito das folhas
_ na palha das palmeiras de buriti
no barro do chão e no barro da telha
e no prateado das lanças crivando o rio
nas ruas _ desenhando caminhos de volta
seu destino é sempre o rio de escamas – suspenso no ar
a chorar pra molhar a quimera
a garganta liquefeita que murmura sobre essa manhã
a manhã que chega coada nos cílios de paisagem pretérita
de limo aveludado dos igarapés que brotam da terra
na pele d'água há sempre a face da mãe e seus olhos de vigília
e suas mãos de Penélope tecendo luz em meus cabelos
sua imagem a mover-se no espelho da corredeira
onde o antes será sempre o depois
pois que tudo corre ao avesso dessa tarde de mim
esse outro modo de espera a fluir por dentro

e tudo que não flui fica dito no intento do tempo em desiventar-me
o tempo esse rio
_ pode o rio ser essa serpente que me seduz à foz
pode ser ela a deusa de barro
ou pode ser o pai escrito nas águas
ou posso ser eu em suas entranhas a caligrafia sanguínea
 _ homem e mulher na transfusão de sua passagem
a água esse verbo a conjugar -se – em se morrendo e se vivendo
à luz do instante em seu ventre
faço da memória esse simulacro da terra desejada
onde o olho d'água vinga e nunca se queda ao vazio
onde as deusas têm a cor do barro – os olhos vítreos
e a força da correnteza lacrimejando rios
cultivo em mim esse silêncio
revolver a memória deitada no leito mais fundo
sobre seixos e relva afogada
esse silêncio de escavar o fundo do tempo
o que me há sempre deságua nele
o rio esse rosto silente a me olhar das distâncias
 _ de viver e correr entre uma margem de lembrança
e outra de margem de espera
a espera densa de sílaba à silaba concentrada em cristal arenoso
mas há uma terceira margem de incontornável geografia
_ o agora e essa saudade
a consumir o pensamento em amplidão de ausências
a saudade essa clareira no peito ancho de ecos
de lembrar à exaustão esse algo a pesar
sobre o dorso do tempo partido por uma estação sem nome
margem onde busco a palavra
uma palavra que seja rio para assim ser palavra
uma palavra de ter começo mas de não ter fim
pois que não ter fim é seu destino
e no dorso desse tempo de guelras abertas

há a voz de rio do pai dizendo das palavras
que sustentam o mundo _ que inventam a vida
e agasalham na memória o mistério do sentir
das palavras prenhes de sol pois que o manejo da memória
requer luz sobre os sentidos
piso nessa margem para desencarnar um adeus que nunca se cumpriu
e me vem à boca o gosto do primeiro fruto
a escuta dos passos na rua feita de pedras de liós
e as vozes das comadres faladeiras
sentadas em cadeiras de balanço – dizendo
_ lá vai a menina passando
_ quem comadre?
_ a filha do rio.

Esse poema obstinado se escreve à revelia da poeta

mas a poeta tem o rumor da palavra

e a visão atenta à imagem projetada dentro dos olhos

no fundo do fundo da paisagem nua

está a nascente onde habita o silêncio

é nesse silêncio que a música toca.



Wanda Monteiro, advogada, escritora, uma amazônida nascida à margem esquerda do rio Amazonas no Pará, tem seus textos publicados em várias revistas literárias, virtuais e impressas, tais como: Acrobata, Diversos Afins, Gueto, Ruído Manifesto, Mallarmargens, Zona da Palavra, Intacta Retina, Relevo, In Comunidades, LiteraturaBr e outras. Atua como colaboradora em vários movimentos de incentivo à leitura no Brasil. Obras publicas: *O Beijo da Chuva*, Ed. Amazônia, 2008; *ANVERSO,* Ed Amazônia, 2011; *Duas Mulheres Entardecendo*, Ed. Tempo, 2015; *Aquatempo*, Ed. Literacidade, 2016. Fonte: Editora Patuá

QUEM PAGA SUAS TERAPIAS

Argentina Castro

Enquanto fodíamos, ele olhou bem para a minha cara e disse - você não presta nem para trepar.
Quem consegue ser feliz depois de ouvir isso? Oito anos! Foram oito anos dedicados a esse amor. Embora hoje eu seja capaz de me ver muito capaz de prestar para mil coisas além de um sexo bem feito, não tomo mais para mim essa frase maldita e nenhuma outra - você não presta nem para trepar-. Só uma pessoa com capacidade para tanta perversidade é capaz de dizer isso para outra. Essa frase que um dia meus ouvidos ouviram, diz mais dele do que de mim. Eu já cresci tanto depois que me libertei do abuso, da violência emocional e psicológica. Hoje eu já sei que homem nenhum vai se dar ao luxo de me tratar assim. Está tudo revirado dentro e fora de mim afinal, quem pode mais ser a mesma depois de tanta força bruta? Mas dizem que, o que não mata, fortifica. Hoje, nem por brincadeira permito que homem algum me destrate. Na verdade, não importa quem seja. Homem ou mulher, ninguém tem o direito de me diminuir. Não permito mais. Foram muitos dias e noites em claro com choro farto, o coração na mão, o medo, a desilusão, o peito ardendo em mágoa. Arder não por que arder é para os fracos, meu peito queimando mesmo. Sentia um liquido quente, correndo de um lado para o outro, dentro das veias do meu peito esquerdo. Eu sinto no corpo a potência da mágoa, daquilo que me adoeceu, fruto das muitas violências. Sinto mágoa por ter dado tanto amor e receber em troca as violências todas que só um macho inseguro é capaz de fazer. Só hoje eu sei, mas na época eu não sabia, eu não me dava conta das suas motivações. A dependência emocional é como um véu com manchas escuras de um liquido espesso. Você vê, mas não vê. É tudo muito confuso. Um eterno retorno a sua infância para descobrir onde foi, quem foi, que situação fez brotar em você esse pé maldito de baixa estima, esse olhar torto e nada generoso que somos capazes de direcionar para nós mesmos. E é esse olhar pouco, fraco e frágil que nos torna incapaz de afastar o véu e ver por cima dos nossos ombros, assim mesmo empinando o nariz! Um pouco de arrogância não faz mal a ninguém se for preciso para se proteger. O que ganhei com isso? Um comportamento reativo, uma língua afiada, um escudo invisível no meio dos peitos. Se antes eu não sabia me defender, agora aprendi até a bater. Não deixo barato, não me nivelo por baixo, faço todo mundo pensar que sou do signo de fogo, quando sou caranguejo e, por debaixo

da casca, tudo é mole e bom. "Eu sei do meu valor e a cotação é dólar", é a frase que tenho vontade de tatuar bem no meio da minha testa de ancestralidade indígena. Depois de tanto abuso, eu não me curei ainda das feridas, mas pelo menos, aprendi a não deixar que façam outras. É muito difícil sair ileso e inteiro de uma relação abusiva. É muito difícil falar sobre o aspecto psicológico da violência doméstica. Sobre ela não há provas palpáveis, visíveis. Se até um roxo no rosto de uma mulher agredida ela precisa responder porque o homem lhe bateu, imagina quando se trata das marcas invisíveis da violência psicológica. Esse texto-relato, é só mais um dentre tantos que eu teria para contar. Afinal, foram anos e mais anos de sentimentos confusos, de toda ordem de palavras e frases malditas direcionadas a mim. Mas quis escrever sobre esse dia e sobre essa frase para dizer que, nem na hora do que era para ser uma relação sexual amorosa, eles deixam de nos matar. Mas se você escapar, quem paga suas terapias?



Argentina Castro é uma mulher visceral. Vive a se cortar e a se ferir no mundo pela sua intempestividade.Coração de adolescente, teimosa que só a peste, não tem medo de dizer ou de escrever sobre tudo o que sente. Canceriana que é, sente muito. Áries como ascendente é o que lhe ajuda a botar o pé no chão e no freio devido sua mania de querer tocar a lua. É lunática! Acredita mais nas plantas e nos animais do que em certas pessoas. Ama cachorros. Tem se esforçado pra não perder a ternura, jamais! Mas confessa: tá difícil!

Inê Gonzaga

eu e meu vestido florido
dançando contra o sol e a
chuva e trovões de perfume
contra o povo, contra a morte

nas costas levamos um par de
poemas bem singelos
e cinco reais de pão
que desfazemos na viagem

vamos lá, que viver já é
um perigo e uma luta
existir é persistir, tu sabes,
amar é ir contra o coração
dos homens



Inê Gonzaga é uma mulher trans poeta e compositora de Santa Catarina, Indaial. Ganhadora do 12° concurso literário de poesia Lindolf Bell, de Timbó. Tem 18 anos de idade e escreve desde os 12. Escreve crônicas contos e poesias em sua máquina de escrever Olivetti Letera 82.

Email para contato: inegnzaga@gmail.com
Facebook: Inê Gonzaga
Insta: Inegonzaga

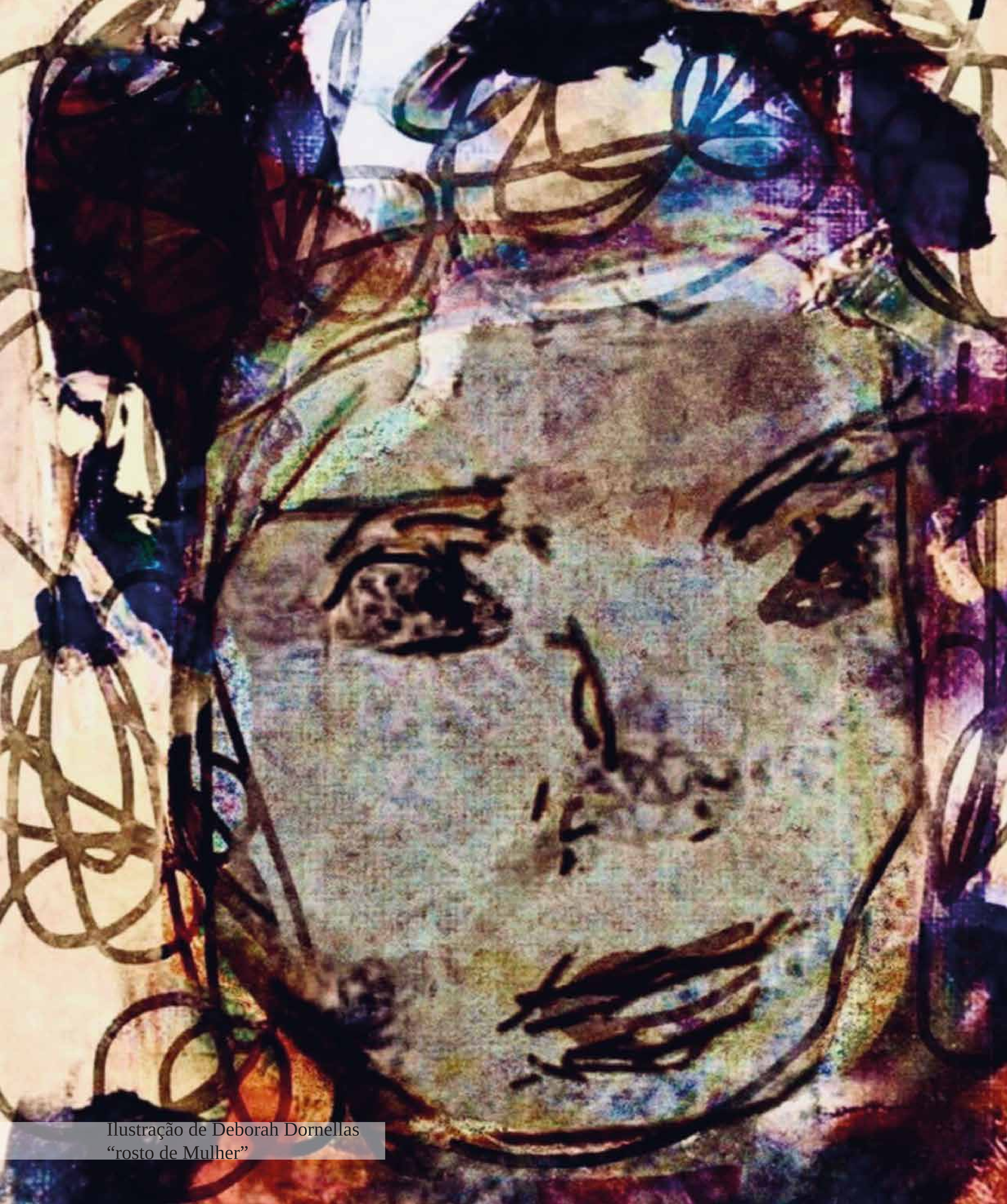


Ilustração de Deborah Dornellas
“rosto de Mulher”





420

Célia Martins

Árvore Sumaúma,
sobre o desmatamento da
mata Amazônica

Tombara 420
Era ela a visão da era
Era ela a imagem majestosa dos olhos
de Deus sobre a terra.
Tornara-se mesa de casa de bacana
Antes fosse banca pra escola,
Pois NÃO.
Alimentava a vida ostentada de quem
Nunca plantou.
Engrossou as contas do banco...
Que se sentou em centenas de lágrimas.
Roncou tombou caiu
Como se não houvesse dor
Como se não houvesse Rio
E todo o brejo secou
Secou também o Brasil



Célia Martins é professora da Rede Municipal de Ensino do Recife, formada em letras/UFPE (Português/Frânces), é especialista em Docência no ensino superior / Foco no universo indígena, sob o título: *Educação Indigenista*, um tema ausente na maioria das escolas de Pernambuco, pesquisadora de línguas indígenas. É poeta, pintora, atriz, diretora de peças teatrais em espaços alternativos. Dirige o equipamento cultural A CASA do Sol. Olinda-PE.


Célia Martins
2020



Ensaio Guerreiras da Taba dos Anacé
Foto de Débora Anacé



Ensaio Guerreiras da Taba dos Anacé
Foto de Débora Anacé



Ensaio Guerreiras da Taba dos Anacé
Foto de Débora Anacé



Ensaio Guerreiras da Taba dos Anacé
Foto de Débora Anacé

OUTRO TIPO DE SILÊNCIO

Liliana Ripardo

"Eu nasci com a voz em minhas mãos"

-Kathryn Lomer

Em doze anos de formação como Tradutora e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sempre vivenciei atos, até um tanto cruéis, de pessoas surdas sendo subestimadas e desrespeitadas. Embora exista abrangente legislação que visa garantir os direitos dos surdos no Brasil (o autor Almir Cristiano, no site libras.com, contabilizou mais de vinte, entre leis e decretos) a prática ainda é bem diferente do papel.

Para exemplificar o que muitas das pessoas surdas vivenciam, conversei com Ana Cleia Marinho, 28 anos, estudante de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ela me conta o que já enfrentou por ser mulher e surda. Desde pequena estudou em escola para pessoas surdas, o que a possibilitou aprender desde cedo a sua língua materna: LIBRAS. Parabenizei-a por ela ter entrado na faculdade pública. Sei que não é fácil e quis que me contasse como é ter essa experiência. Prontamente, Ana Cleia, elogia os Tradutores e Intérpretes que estão sempre disponíveis nas aulas e no auxílio das pesquisas. Porém, como sempre, há um ou outro professor que não leva em consideração a presença dela em sala de aula. Ela ressalta que é muito fácil para o aluno ouvinte ver e anotar enquanto o professor fala, pois caso baixe a sua cabeça para anotar perde o conteúdo que o intérprete está traduzindo. "Infelizmente nem todo professor entende isso" diz ela.

O que mais me chamou atenção no relato de Ana é que apesar da mesma ter se mudado sozinha para uma outra cidade para poder estudar, ela ainda tem uma certa dependência da família quando o assunto é saúde. O motivo? A comunicação. Sim, ela precisa ter que ir ao médico acompanhada de algum familiar ou amigo que saiba LIBRAS, pois a assistência médica fica comprometida caso vá sozinha. Nos hospitais não há sempre Tradutores e Intérpretes disponíveis. Perguntei se os médicos sabem o básico da LIBRAS, Ana relata que raramente encontra um ou outro que sabem sinais soltos - não necessariamente sinais soltos formam frases, se é que formam - ou utilizam-se da Datilologia (soletração da palavra na língua de sinais). Questionei como era, por exemplo, a ida a um(a) médico(a) ginecologista. Ana afirmou que precisa ir acompanhada, principalmen-

te,da mãe, pois esta teme pela segurança da filha.

No final do bate papo, ainda perguntei como era ser uma mulher surda na sociedade de hoje. Com um enorme sorriso no rosto, ela me diz que é feliz, mas que desejava ter Tradutores e Intérpretes por onde fosse para garantir a comunicação. Que é muito grata pela família, amigos que a apoiam, mas que queria ter seus direitos como pessoa surda respeitados. Sabe que tem muitas leis e decretos, mas que quase nunca são cumpridos. Ana finaliza dizendo que é muito bom quando pode expor o que pensa e sente, sabendo que terá alguém para dar atenção e ressalta que a única diferença entre nós é a língua.

Me senti tocada pelo depoimento dela ao saber como ela se sente bem quando alguém sabe a LIBRAS para trocar ideias com ela. De 10,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva e/ou surdez, no Brasil, desse total, 46% são mulheres. Quantas mulheres vivem silenciadas não só pelo fato de serem surdas, mas por que a sociedade, sim, é deficiente e precária em garantir o direito à comunicação? Que possamos e saibamos olhar e falar por todas as mulheres silenciadas e subestimadas.





Liliana Ripardo, nascida no início dos anos noventa, na cidade de Fortaleza/CE, filha mais nova de uma família humilde, moradora de periferia, orgulha-se de quem se tornou. Crescida, decidiu atrevidamente aprender a Língua Brasileira dos Sinais e a paixão pela LIBRAS virou profissão. Define-se como uma menina-mulher que tem na leitura um amor antigo. Escrever é seu abrigo – e aliado – em meio ao caos que lhe permeia. Participou das coletâneas *Paginário* (Aliás Editora, 2019), *O Livro das Marias* (Editora Ixtlan), *De Bala em Prosa: vozes da resistência ao genocídio negro* (Editora Elefante, 2020), *Laudelinas* (Nada Studio Criativo, 2020) e da *Coletânea Diários de Quarentena* (Selo Editorial Mirada, 2020). É idealizadora do projeto Literatura & Libras no Instagram @literaturalibras



A PESCADORA

Chris Hermann

a fome a pescava
ela pescava a coragem

carregava o mundo
toda noite nas costas

fatiava-o durante o dia
servia-o em postas

alimentava os olhinhos
de peixes mortos

e desmaiava na cama
cansada de guelra



Chris Herrmann é escritora/poeta, musicista, editora, tradutora, webdesigner carioca, radicada na Alemanha desde 1996. No Brasil, estudou Literatura, Música e Webdesign. É pós-graduada em Musikgeragogik na Alemanha. Organizou e participou de diversas antologias de poesia no Brasil e no exterior. É autora dos livros de poesia *Voos de Borboleta* (Tubap / Clube de Autores, 2015), *Na Rota do Hai y Kai* (Tubap, 2015), *Gota a Gota* (Scenarium, 2016), *Cara de Lua* (Sangre Editorial / Mulheres Emergentes, 2019), dos romances *Borboleta — a menina que lia poesia*, (Patuá, 2018) e *Peccatum* (Arribaçã, 2020), e de minicontos Entre Amoras e Amores (Ser MulherArte Editorial, 2020). Tem poemas publicados (em algumas também colaborou como autora) nas revistas eletrônicas Algo a Dizer (colaboradora), Zona da Palavra, Blocos Online (colunista), Revista Plural – Scenarium (colaboradora), Mallarmargens (colaboradora), Germina, Ruído Manifesto, Revista Caliban, Literatura & Fechadura, Mirada, entre outras. É editora da Revista Ser MulherArte.

www.christinaherrmann.com | www.sermulherarte.com |http://anchor.fm/podsermulherarte

SUGESTÃO DE LEITURA

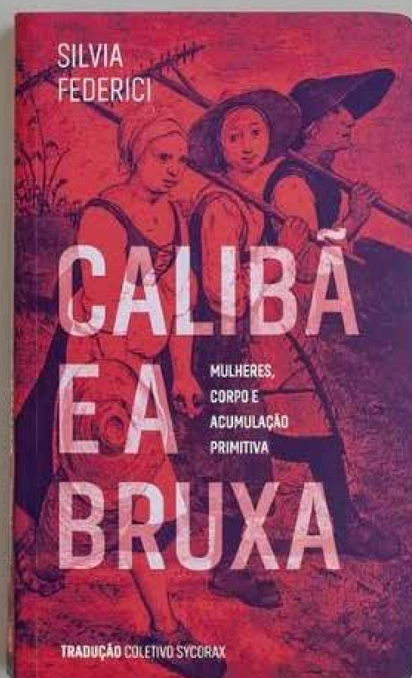
CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE SILVIA FEDERICI

por Adriane Garcia

Nesse livro imperdível sobre a história das mulheres, a historiadora Silvia Federici registra o resultado de três décadas de suas vastas pesquisas sobre a caça às bruxas, ocorrida desde o final do século XV e ocupando os primeiros séculos da Era Moderna. Com ápice no século XVI – e não na Idade Média – a caça às bruxas, argumenta a historiadora, foi primordial para a acumulação primitiva, que permitiu o acúmulo de riquezas para a Europa e o desenvolvimento industrial, assim como o próprio sistema capitalista.

Traduzido no Brasil pelo coletivo feminista Sycorax (nome da mãe bruxa de Calibã, na peça de Shakespeare, *A tempestade)*, em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo, e publicado pela editora Elefante, o livro tem uma edição lindíssima, de 466 páginas de conhecimento, além de belas e impactantes imagens e muita reflexão sobre o papel que o controle do corpo das mulheres ocupa na manutenção do poder no capitalismo.

Calibã e a bruxa é dividido em cinco capítulos: O mundo precisa de uma sacudida, onde a autora mostra as lutas camponesas e o processo de consciência de classe, muitas vezes conduzido por mulheres que levavam à contestação das leis e à exigência de direitos, além da participação como lideranças nos movimentos heréticos. É bem interessante notar a ênfase no período feudal, em que a autora descreve uma Idade Média cheia de lutas comunais e rejeitando a ideia de desenvolvimento linear de progresso. O capitalismo não foi algo evolutivo – no sentido do pior para o melhor; foi, na verdade, uma reação a uma consciência coletiva que evoluía. Em A acumulação do trabalho e a degradação das mulheres, Silvia Federici mostra como a privatização das terras na Europa (os cercamentos, principalmente) e a retirada das terras comunais prejudicaram as mulheres. As desapropriações produziram escassez, aumento da prostituição, incentivo aos estupros e foram acompanhadas da intervenção estatal no mundo do trabalho e na reprodução, usando como método a desvalorização do trabalho feminino e implantando o patriarcado do salário (somente os homens seriam



remunerados). Com a mulher reduzida ao mundo privado, e substituindo um bem perdido (a terra) para o homem trabalhador, deixá-la sem salário forçou a obediência ao novo papel. No capítulo 3, O grande calibã, a historiadora centra-se nos processos de controle do corpo da mulher, considerado um corpo rebelde que precisava por todos os meios – científicos, principalmente – ser domado. Em A grande caça as bruxas na Europa, é possível acompanhar que toda a misoginia plantada a partir da perda das terras e do cerceamento das atividades das mulheres nas comunidades levou a uma naturalização do genocídio das mulheres, culminando no fato de ser a queima das bruxas um espetáculo público. No último capítulo, Colonização e cristianização, a autora mostra como a caça às bruxas na Europa e a caça às bruxas nas Américas fizeram parte de um mesmo projeto e se serviram do mesmo aprendizado nas câmaras de tortura, nos interrogatórios que procuravam o diabo, na demonização das crenças dos nativos, na inferiorização das mulheres; aprendizado que serve à exploração capitalista ainda nos dias de hoje.

Calibã e a bruxa faz notar a falta de estudos em Karl Marx, relacionados ao extermínio de mulheres no processo de acumulação primitiva, assim como ao trabalho não remunerado de reprodução da mão-de-obra a que as mulheres ficaram prisioneiras. A autora nota também que Foucault, nos seus estudos sobre poder, violência e corpo não dá importância ao processo específico de controle do corpo feminino, na violência e extermínio realizados na caça às bruxas. Ao mostrar que um processo de proporções tão gigantescas como a caça às bruxas não obteve a atenção dos dois grandes estudiosos da origem do capitalismo, Silvia Federici denota a importância de se rever os estudos históricos, incompletos, quando metade da humanidade não é levada em conta de modo específico, já que o tratamento da mulher durante a história é bem específico.

O trabalho não remunerado das mulheres para suas famílias foi (e é) essencial para a manutenção e reprodução da mão-de-obra no capitalismo. Camuflá-lo a ponto de ele não ser considerado um trabalho foi essencial para aniquilar a autonomia das mulheres e oferecê-las como único bem, para dispor como bem quisesse, uma compensação, a um homem expropriado pelo próprio capital. Entender a guerra contra as mulheres é entender grande parte das engrenagens de poder. É entender que tanto a naturalização do estupro, o seu incentivo por meio de uma cultura, quanto a proibição do aborto estão ligados a formas de continuar oferecendo as mulheres como mercadorias, objetos, retirá-las da posse de seu próprio corpo. Explica não só o passado como explica o reacionarismo que se nota hoje, quando tanto os movimentos feministas crescem, em número e em amplitude de voz, quanto o retorno de ideias antigas de misoginia e controle sobre a mulher. O capitalismo, nos seus primórdios, não inventou a misoginia, mas soube usar todos os seus ecos – religiosos, principalmente – para silenciar aquelas

que, diante da fome, diante da espoliação, saíram em protestos; daquelas que, dominando saberes tradicionais, remédios, linguagens, conversavam diretamente com suas comunidades. Mulheres capazes de discernir sobre o mal da desagregação coletiva.

Nos estudos sobre a colonização das Américas, Silvia Federici nos dá mais uma face do capitalismo/patriarcado: o racismo. Tanto contra as populações indígenas quanto contra os africanos trazidos para sustentar o trabalho nas terras invadidas, os métodos de câmaras de tortura, genocídio e inferiorização das mulheres foram amplamente utilizados. Ferramentas para um objetivo unificado, preparando um sistema baseado no lucro e na transformação de seres autônomos em força de trabalho alienada. Para a concretização do objetivo, igrejas, cientistas, filósofos, artistas, literatos, humanistas se uniram. É farto o material que não só justifica a misoginia e o racismo, como os "enriquece". Assim como em determinadas épocas, tudo que acende alguma luz quanto à injustiça social é taxado imediatamente de "comunismo", também na época da caça às bruxas, qualquer reunião de duas ou mais mulheres era logo taxada de "sabá". Qualquer mulher independente, fora da regra imposta, era uma serva do diabo e o preço ia de ser marcada a ferro a ter que andar de mordaça na rua, de ter o nariz mutilado a tomar açoites públicos, de ser afogada a ser queimada viva. Métodos que seriam usados com os negros africanos nas colônias.

Muitas estudiosas feministas nos dizem que capitalismo e patriarcado são indissociáveis, e que derrubar um exige derrubar o outro. A caça às bruxas mostra que sim. Os homens não só foram coniventes, como se beneficiaram da destruição da autonomia feminina. Não todos, logo se arvoram. Sim, mas as exceções só provam a regra. No início do século XVI na Europa, ou nas colônias espanholas e portuguesas, o mercantilismo preparava o terreno. Limpava o terreno com sangue. O capitalismo/patriarcado/racismo precisava criar uma nova divisão sexual do trabalho e alienar as mulheres quanto à importância de seu papel reprodutivo – não só biológico, mas o de manutenção da mão-de-obra, com os cuidados de limpeza, saúde, planejamento doméstico. Que isso fosse um dom, um fato da natureza, e não um projeto. Não era possível destruir as solidariedades locais sem destruir as mulheres, as lavradoras, as parteiras (com seus conhecimentos sobre reprodução), as curandeiras, as pedreiras, as artesãs, as anciãs; sem incutir nelas o medo dos castigos corporais ou da morte, por qualquer sussurro.

A CAÇA ÀS BRUXAS E A RACIONALIZAÇÃO CAPITALISTA DA SEXUALIDADE

A caça às bruxas não resultou em novas capacidades sexuais nem em prazeres sublimados para as mulheres. Foi, pelo contrário, o primeiro passo de um longo caminho ao "sexo limpo entre lençóis limpos" e à transformação da atividade sexual feminina em um trabalho a serviço dos homens e da procriação. Neste processo foi fundamental a proibição, por serem antissociais e demoníacas, de todas as formas não produtivas, não procriativas da sexualidade feminina.

A repulsa que a sexualidade não procriativa estava começando a inspirar é bem evidenciada pelo mito da velha bruxa voando na sua vassoura, que, assim como os animais em que ela também montava (cabras, éguas, cachorros), era a projeção de um pênis estendido, símbolo da luxúria desenfreada. Este imaginário retrata uma nova disciplina sexual que negava à "velha feia", que já não era fértil, o direito a uma vida sexual. Na criação desse estereótipo, os demonólogos se ajustavam à sensibilidade moral de sua época, tal como revelam as palavras de dois contemporâneos da caça às bruxas:

Acaso há algo mais odioso que ver uma velha lasciva? O que pode ser mais absurdo? E,

entretanto, é tão comum(...). É pior nas mulheres que nos homens (...). Ela, enquanto velha megera e bruxa, não pode ver nem ouvir, não é mais que uma carcaça, ela uiva e deve ter um garanhão. (Robert Burton)

É ainda mais divertido ver mulheres velhas, que quase já não se sustentam em pé, pelo peso dos anos, e que parecem cadáveres que ressuscitaram, saírem por aí dizendo que "a vida é boa", ainda excitadas, procurando por um parceiro... sempre espalhando maquiagem no rosto e depilando os pelos pubianos, ainda exibem seus peitos moles e murchos e tentam provocar, com trêmulos cochichos, apetites lânguidos, enquanto bebem, dançam em meio a garotas e escrevem cartas de amor. (Erasmo de Rotterdam)"



Silvia Federici (Parma, 1942) é uma escritora, professora e ativista feminista italiana radicada nos Estados Unidos.



Adriane Garcia nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2006, no curso de pós-graduação em Arte-Educação, na UEMG, interessou-se por estudar sobre a desconstrução do Arraial do Curral del Rei e a construção da primeira cidade planejada da República, com destaque para as questões de esquecimento e memória. Tendo vivido sempre na periferia (norte) da capital mineira, o olhar voltado para as origens e a exclusão social acompanha sua poesia. Publicou os livros Fábulas para adulto perder o sono (vencedor do Prêmio Paraná de Literatura, 2013, ed. Biblioteca do Paraná), O nome do mundo (ed. Armazém da Cultura, 2014), Só, com peixes (Ed. Confraria do Vento, 2015), Garrafas ao mar (ed. Penalux, 2018) e Arraial do Curral del Rei: a Desmemória dos Bois, coleção "BH: A Cidade de Cada Um" (2019).



Ensaio Teu corpo-abrigo
Por Kamila Ataíde

SOBRE ENCONTROS FOTOAFETIVOS

Kamila Ataíde

Uma fotografia não é só uma fotografia. Traz consigo uma história, um contexto, vários sentimentos, perspectivas e narrativas. Nesse cenário em que escrevo, sou uma mulher e trabalho, majoritariamente, fotografando mulheres, e posso dizer que essa troca feminina torna tudo ainda mais intenso. Uma vez comentei sobre quando estive dentro de uma sala, com várias mulheres, para uma palestra do Dia Internacional da Mulher. Eu sabia que algo acontecia quando mulheres se uniam em um propósito comum, mas, naquele dia, eu tive certeza. Me arrepiei do começo ao fim daquela troca, porque cria-se uma egrégora do que engloba o nosso universo e a nossa natureza. E é sobre troca, corpos e autoestima que escrevo hoje.

Esses dois ensaios, “Teu corpo-abrigo” e “Divã”, que fazem parte desta seção foram, particularmente, marcantes. Eu nunca sei o quanto aquele ensaio vai impactar a fotografada ou o quanto vai impactar a mim. E, às vezes, o impacto é uma emoção que ferve o meu corpo dos pés à cabeça. Um dia antes, Jéssica quase desistiu. O motivo envolvia uma ética relacionada à sua profissão. Mas, foi quase. O resultado foi esse mundo cor de rosa, fílmico e que construímos juntas. Contudo, eu disse: uma fotografia não é só uma fotografia. O resultado real foi toda a conversa que percorreu o ensaio, o acolhimento, os desabafos e a compreensão compartilhada. Foi o choro de Jéssica quando disse: “Eu não sabia que precisava tanto dessas fotos” quando viu o resultado e, consequentemente, o meu choro quando eu me dei conta de que é isso que faz sentido na minha fotografia: fazer uma mulher se sentir grande, potente, extraordinária através da sua redescoberta. Somos constantemente sabotadas e nossos corpos, incessantemente, alvos de críticas e de mercantilizações. Quantas vezes por dia o machismo faz dos nossos corpos um produto? E quantas vezes tentam destruir a nossa autoestima com o fortalecimento dos padrões estéticos? Foi envolvida nesses questionamentos que cheguei ao segundo ensaio. Conversei com Mayra, minha amiga-irmã, a convidando para a realização do primeiro nu artístico da minha trajetória. Ela me contou que, recentemente, a sua companheira, Mayara, tinha tirado uma foto sua em que estava nua, de costas, na janela. Ela sentiu vontade de publicar para questionar todo esse furacão que também passava na minha cabeça, mas desistiu quando pensou em todos os julgamentos que poderia receber por isso. Nunca discurso: apenas alvo. Nunca conteúdo: apenas

corpo sexualizado. Mas, no fundo, foi por isso que fizemos. Pela provocação. E, não, não uma provocação sexual pela qual o nosso corpo nu está sempre associado. Somos infinitamente maiores do que apenas sexualidade. Foi uma provocação para contribuir com a quebra desses padrões que servem para enfraquecer a autoestima de milhões de mulheres. Uma provocação para contribuir com a demonstração dos detalhes que cada corpo feminino carrega: curvas, celulites, traços, formas, cada ponto que faz cada mulher ser única e ser de verdade. Esses ensaios foram sobre isso: verdades, trocas, acolhimentos, provocações, aprendizados. A fotografia pode ser uma ferramenta que rompa esse olhar poluído, inquisidor, diminutivo, fetichizado sobre os nossos corpos, e tem o papel de fazer com que a natureza, o real e a verdade floresçam e se fortaleçam desvencilhados do fetiche corpo-mercadoria. É nesse sentido que a fotografia é libertadora. Quando faz o seu papel enquanto arte: incomodar, libertar e causar o reencontro do eu, naquele momento em que uma mulher se olha de fora e enxerga todo o seu poder de ser quem é. A fotografia é um encontro e um reencontro.



Kamila Ataíde é fotógrafa, comunicóloga e produtora cultural.
IG: @kamilaataidefotos.



Ensaio Teu corpo-abrigo
Por Kamila Ataíde



Ensaio Divã
por Kamila Ataíde



Ensaio Divã
por Kamila Ataíde

Inês Campos

ROCA

começo esta carta no leito
do rio retornado
depois do desaparecimento do mundo
com nosso filho nos braços
e seu hálito
recolhido
nas linhas da mão

escrevo no couro do tempo vivido
no rio de agora quase um não rio
deixo suas línguas lavarem a dor
escorrida pelos dedos
enquanto a criança bebe do leite
que um dia fomos

a madureza da uva na grade das horas
as horas devorando a carne
— anoiteço com susto
o tempo dança em minhas escápulas
deixo que morda
meu sexo — o instante
soltando a rédea
dos planetas

fazendo da reta espiral
elástica



Inês Campos nasceu em Belo Horizonte, onde vive ainda hoje. É poeta e advogada. Em 2017, lançou o livro Geografia Particular, pela Cas'a edições. Seu segundo livro, Roca, foi lançado em 2019 pela mesma editora. Alguns de seus poemas foram publicados também em revistas e coletâneas nacionais.

José Honorato Batista NETA

Meu nome é José Honorato Batista NETA, quero aqui escrever sobre algo que me assusta e angustia. Vivemos em uma sociedade que parece andar para trás e, nesse andar para trás, a ideia de desumanidade, arraigada, entrelaçada em outras forças que formam sua estrutura como uma raiz ou pilares: o Capitalismo, o Imperialismo, o Patriarcado.

Suas estruturas são geradoras de danos sociais gravíssimos à sociedade. Fortes e frágeis ao mesmo tempo, esses pilares deixam transparecer outras raízes profundas e danosas como o racismo, o machismo e a LGBTQIAfobia. Nasci, me criei e amadureci nesse universo que me colocou na madrugada da quarta feira, 13 de agosto de 2020, às 1:15 da manhã, nunca violenta encruzilhada. Sentada entre amigos e esperando o preparo de um sanduíche, fomos surpreendidos pela chegada de duas viaturas da Polícia Militar do Estado do Ceará. Até então pensávamos que estavam ali para executar o trabalho para o qual são pagos com o dinheiro público: garantir a segurança da população. No entanto, revistaram todos os homens ali presentes, até aí quase tudo bem, estavam "cumprindo o trabalho". A truculência é uma metodologia a ser empregada(?). Vi, afinal tenho olhos para ver, quando um dos policiais olhou para o outro e fez gestos com o olho, em minha direção e riram. Em seguida, um deles aproximou-se de mim, e disse: "Está esperando o que para ir para casa? Um *moi* de sola agora ou depois?" Embora eu tivesse ficado apreensiva tomei consciência da desnecessária violência verbal e comecei a gravar um vídeo mostrando para eles que não estava intimidada e comecei a questionar porque aquela ameaça gratuita? De repente todos os policiais chegaram até mim pedindo para apagar o vídeo. Respondi que eu estava no meu direito de gravar a ameaça que acabara de sofrer. Um deles se aproximou e deu um murro no meu rosto. Meus óculos que custara R$380,OO foi ao chão em pedaços. Eu, mulher jovem, negra, pobre e trans só havia pago a primeira parcela no valor de R$100,00. Mal pude acreditar no que estava acontecendo quando recebi, no meio dos meus seios, outro murro. Levaram meu celular da minha mão, quebraram-no, mas antes, porém, me forçaram a apagar o vídeo. No desespero, me senti sozinha e desamparada. Mas de repente várias pessoas começaram a pedir para eu me acalmar. Difícil encontrar calma numa situação de agressão quando vários direitos seus são atacados de uma vez só pela mão armada do Estado. Eu quis chorar, mas segurei as lágri-

mas nos olhos pois sabia que, se eu não me acalmasse naquela hora, a agressão poderia ser maior! Busquei força dentro de mi, tomei-a pela mão e comecei a questionar. Saí daquele lugar com medo de apanhar mais e mais ou até mesmo sofrer outros tipos de violências.

O país onde a polícia é a que mais mata, mas também a que mais morre, é o mesmo país que mais mata mulheres transexuais, travestis, transgêneros e mulheres cis. No mesmo estado, no mesmo mês em que fui agredida por quem que deveria me proteger, quatro travestis foram assassinadas em menos de trinta dias. Se a polícia fizesse o que é paga para fazer, o Brasil não seria o país que mais mata pessoas TRANS e travestis no mundo. Não basta a violência dos civis, os militares também contribuem para que essas violências se perpetuem.

Hoje, no peito dessa mulher trans, negra e periférica que sou, alimento um sonho: que eu e todas as outras mulheres possamos permanecer no mundo e que exista e se reconstrua para todxs sem racismo, sem machismo, sem LGBTQIAfobia ou qualquer forma ou fonte de preconceito. Haveremos de viver em paz! Talvez, eu mesma não consiga ter tempo para ver esse mundo melhor, porém podemos pensar juntxs a construção de um novo caminho pautado na educação libertadora, pautado nos princípios de Paulo Freire, de KRUPSKAYA, Maria Montessori e várixs outrxs.



José Honorato Batista NETA, estudante de pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, militante da unegro união de negras negros pela igualdade, do Coletivo Paulo Freire educação popular lutar transformar, faz parte do viva palavra e de mais 8 movimentos sociais e contribuir mais alguns. Educadora popular e social, poeta, performance é atua no teatro e na dança, conselheira estadual pelos direitos da mulher do estado do Ceará.



Juliana Maffeis

as flores do jardim da nossa casa morreram
todas de saudade de você cantava minha vó
enquanto embalava uma criança que pensava
num jardim triste e catava um jeito de dar jeito
nas flores murchas porque saudade é coisa
grave é coisa que mata bicho que seca planta
que tomba muro cada quarto cada canto
cada prato e hoje meu corpo é um campo
de flores mortas que busca água como
quem busca colo como cantiga busca
ouvido como raiz busca solo como
comida busca barriga como busca
encontra endereço e as rosas
que cobriam nossa estrada
escondem o desejo do abraço
de chuva mansa que acalma
nosso jardim de distância



Juliana Maffeis nasceu em Porto Alegre em 1987. Educadora popular, escritora e doutoranda em Letras, na área de Escrita Criativa (PUCRS). É autora de Solitária companhia de teatro (Patuá, 2017).

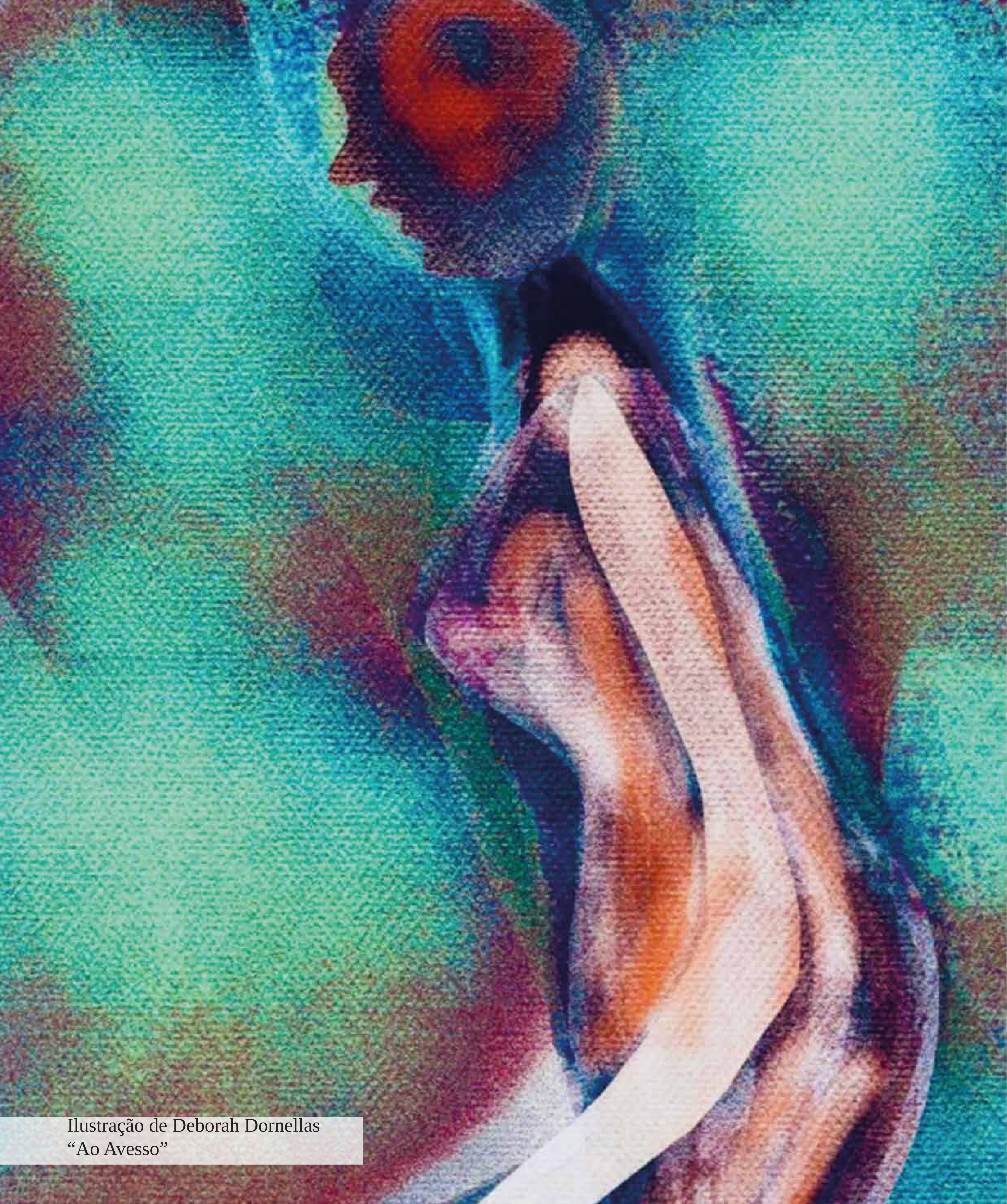


Ilustração de Deborah Dornellas
“Ao Avesso”

ILUSTRAÇÕES & FOTOGRAFIAS



Alecrim, 22 anos, mãe e ilustradora, desenha desde quando ainda acreditava em fadas do dente. A ilustração acabou se tornando o portal da extensão da sua existência há uns 2 anos e desde então não sabe ou não quer mesmo, fazer outra coisa que não seja arte. Instagram: @eu.alecrim



Débora Anacé, 22 anos, estudante do sétimo semestre de pedagogia na universidade estadual do Ceará (uece), com linha de pesquisa no acesso e permanência de estudantes indígenas nas universidades públicas do Ceará. Amante da oitava arte (fotógrafa amadora nas horas vagas).



Deborah Dornellas é escritora, jornalista e artista visual. Carioca criada em Brasília. Mestra em História Cultural (UnB) e pós-graduada em Formação de Escritores (ISE Vera Cruz- SP). Desde 2013, integra o Coletivo Literário Martelinho de Ouro. *POR CIMA DO MAR* (Patuá, 2018), seu romance de estreia, ilustrado por ela, venceu o Prêmio Literário Casa de las Américas 2019, na categoria “Literatura Brasileira”. Tem ilustrações publicadas em algumas revistas literárias e blogs (Diversos Afins, Germina, Escrita Droide) e em capas de livros.



Rebeca Gadelha é Otaku, Gamer, Artista Digital e Geógrafa. Tem um fraco por criaturinhas peludas e chá gelado. Participa da Plataforma Mirada como Designer Gráfico e curadora. Atualmente trabalha com edição de vídeo do projeto Literatura & LIBRAS (instagram @ literaturalibras), escreve no Medium sob o pseudônimo de Jaded e tem no prelo *Reminiscências*, seu livro de memórias. IG: @ohmybecka



Taciana Oliveira - Editora chefe de Laudelinas, atua em direção e produção cinematográfica, coordena e publica na plataforma digital Mirada – www.miradajanela.com . Dirigiu “A Descoberta do Mundo”, um documentário sobre Clarice Lispector. Tem no prelo Coisa Perdida, livro de poemas.

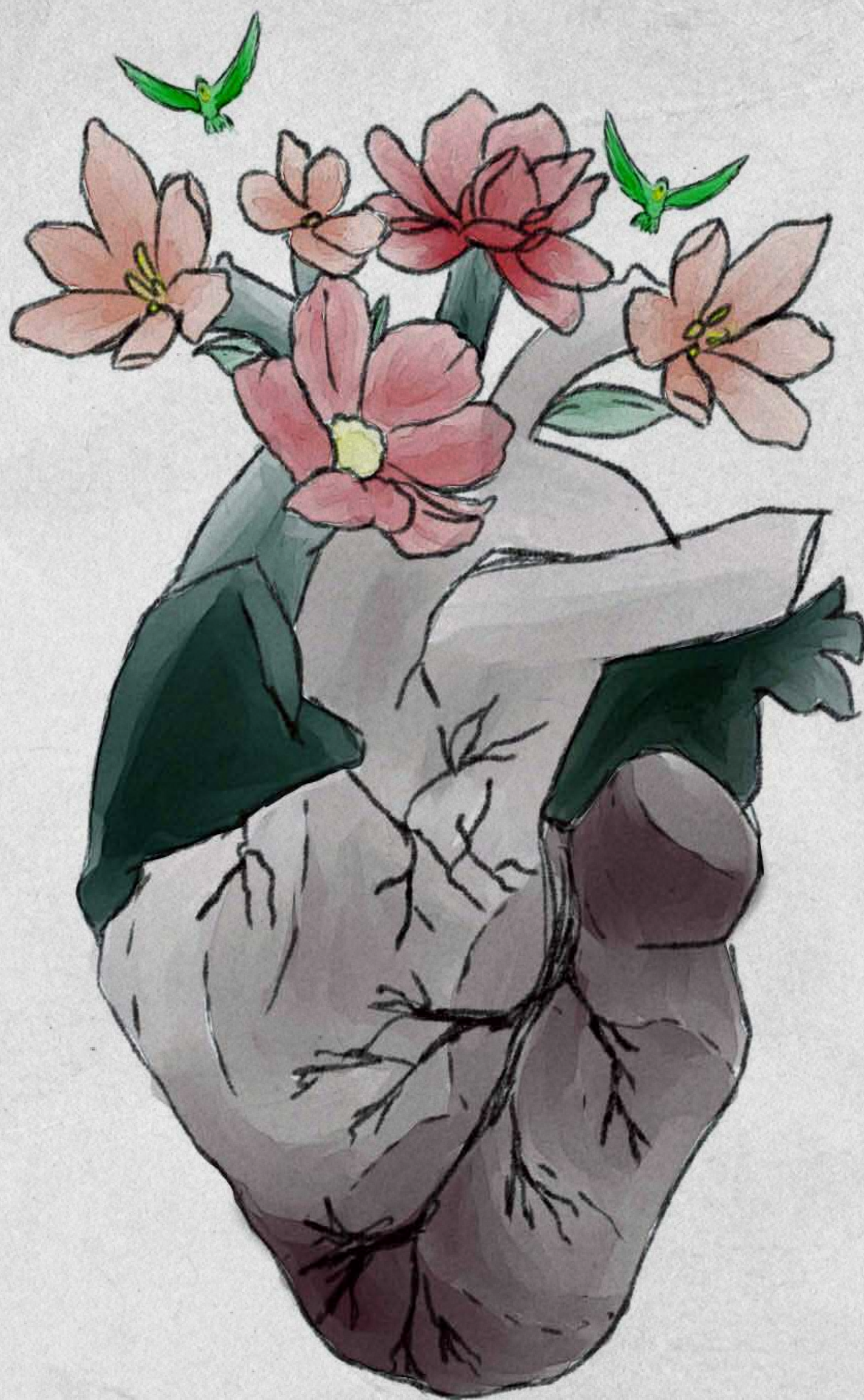
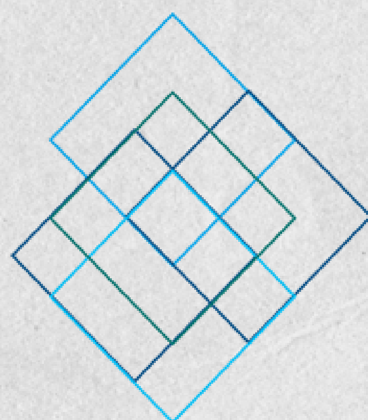


Ilustração de Rebeca Gadelha



MIRADA